

MANUAL DO PROFESSOR (Mestre)

Aldo Lavagnini (Mestre)

AO PROFESSOR

O terceiro grau da Maçonaria, cujo significado você tem agora o privilégio de conhecer e compreender, como resultado de seus esforços para compreender o primeiro e o segundo, é o símbolo natural da perfeição humana que se alcança através do esforço constante em transcender e superar as fraquezas e limitações humanas.

Mestre -do latim magister- se chama realmente, aquele que é magis (ou seja, mais) que os outros: mais sábio e mais justo, maior moral, intelectual e espiritualmente; um homem superior em todos os sentidos e, por extensão, aquele que superou o estado puramente humano de evolução e se tornou mais do que homem.

Ser professor é, então, algo mais do que saber as palavras e fazer os sinais deste grau: a realização da qualidade de tal é, para o homem, a Suprema Conquista a que pode aspirar, aquela Conquista que é simbolizada pela mística galho com o qual os mestres pedreiros se gabam de tê-lo conhecido diretamente. A sua transcendência é também demonstrada pelo facto de as palavras e signos que se comunicam neste grau serem considerados como meros substitutos das palavras e signos reais, os quais, evidentemente, devem ser procurados e encontrados individualmente, por meio de um esforço pessoal.

A ignorância, o fanatismo e a ambição que mantêm o homem em estado de inferioridade e escravidão moral devem ser individualmente derrotados e superados, depois de reconhecê-los como maus companheiros no recinto interior de nosso ser, para que a verdadeira palavra - perdida por causa desses três naturais inimigos do homem - podem ser encontrados, escondidos sob aquele galho, manifestando a Força Onipotente, com a qual somente o magistério é alcançado.

Mas não é nossa intenção, nestas breves palavras que dirigimos ao irmão leitor antes de entrar no assunto, antecipar a revelação do Mistério Iniciático que se oculta neste grau, cuja importância se manifesta suficientemente em nome da exaltação dada à cerimónia com que o candidato é recebido. Com tal revelação queremos apenas indicar o caminho para o reconhecimento individual da Verdade. A única coisa que estamos tentando agora é deixar claro o propósito deste "Manual" como

a de um guia que levará à compreensão do que realmente significa o Magistério e de como devemos direcionar nossos esforços para aquela tentativa, na qual podem ser concentradas as mais profundas e vitais aspirações humanas.

Embora nossos diplomas e o reconhecimento dos demais irmãos demonstrem nossa qualidade de Mestres Maçons, o Magistério Real da Arte não pode ser

Atualmente para nós mais que uma aspiração, embora sincera e profunda, para a qual só podemos direcionar os esforços de nossa Inteligência e Vontade. É, pois, necessário que compreendamos e saibamos para saber querer: a partir daí amadurecerá o impulso que, com a força do silêncio de quem conhece o mistério do além, nos conduzirá ao desejado resultado.

Esta, em suas quatro palavras, é a fórmula da realização; cada uma destas palavras encerra e sintetiza todo um esforço, cuja eficácia produz o resultado. Em particular, o esforço de saber implica um longo período de estudo e meditação, que tem de compreender os mais diversos assuntos; por isso, embora toda a Maçonaria possa se concentrar em seus três graus fundamentais ou simbólicos -e sua Doutrina já pode ser considerada encerrada e sintetizada no primeiro, pois o esforço de aprender é o que nos conduz às mais altas realizações,- e no terceiro grau justifica plenamente o atributo de "sublime", a perfeita realização do significado desses graus (como preliminar necessário para sua realização efetiva e operativa) torna inevitável a adição de outros graus suplementares, que ajudam o candidato a melhor compreender e realizar em seu duplo valor filosófico e operacional a Doutrina mística que se encerra simbolicamente na primeira.

Assim, este "Manual", embora por um lado represente o complemento dos dois que a precedem, é também uma introdução e preparação para as sucessivas, em que eu sei completará o estudo do que, a nosso ver, constitui o verdadeiro Alvenaria.

À semelhança dos anteriores, e em sintonia com o plano que faz destes "Manuais" os sucessivos volumes de uma mesma obra, o presente está dividido em quatro partes. A primeira estuda o significado da cerimônia de exaltação, bem como seus sinais e palavras. Como as dos dois graus anteriores, esta cerimônia é a fórmula para a realização individual do Magistério, o que torna o candidato um eficiente seguidor da Grande Obra.

Isso tem um duplo significado, individual e coletivo, inseparáveis um do outro, como aspectos internos e externos de uma mesma coisa. Em outras palavras, o que é feito internamente se torna poder ou Força Operacional externa, e portanto responsabilidade e atividade necessárias no mesmo plano, pois, como dissemos no Manual anterior, os talentos que viemos a possuir não são efetivos senão com e através da sua utilização.

Consequentemente, o serviço é a Lei Suprema da Evolução Individual, e ninguém pode se tornar um verdadeiro Mestre até que tenha entendido o que isso significa. E o Serviço! O Mestre deve ser distinguido pela qualidade fundamental de Amor que caracteriza este grau, no qual não se deve buscar um salário externo ou interno - como nos graus anteriores, - porque o último constitui uma identidade com o primeiro: o mesmo Serviço, e Amor que está expresso nele deve ser o salário do Mestre.

A segunda parte examina os símbolos e conceitos iniciáticos desse grau, respectivamente relacionados aos números sete, oito e nove, por meio dos quais se chega ao entendimento da dezena; e, ainda, com Retórica, Música e Astronomia; o terceiro do trivium e os dois últimos do quadrivium, que, como os anteriores, têm para o iniciado um significado íntimo diferente do seu significado profano, pois se estendem a uma nova dimensão.

A terceira parte trata da necessária aplicação moral e operativa que se deve fazer dos símbolos, instrumentos e saberes que se relacionam com este grau, cuja realização individual o torna de facto o Mestre Maçom e confere a eficácia dos direitos e privilégios que lhe estão implícitos neste grau e que sejam consequência do justo e perfeito cumprimento dos correspondentes deveres.

Por fim, na quarta, examina-se o futuro que nossa Instituição destinou, como resultado natural de seu passado, atualmente operacional. Esta é a resposta - no que diz respeito à Sociedade - à terceira pergunta da Esfinge, que se refere especialmente a este grau, e cuja resposta individual ajustada consagra como tal o Mestre Maçom perfeito.

Estamos certos de que nossos esforços para conscientizar os maçons sobre a real essência de nossa augusta e gloriosa instituição não deixarão de produzir, com a cooperação indistinta de todos que nos lêem, o resultado que mais aspiramos: uma melhor compreensão e realização do Plano do Grande Arquitecto em relação à nossa Ordem, a cujo plano todos temos o privilégio e o dever de colaborar.

A unificação maçônica, para a qual devem ser dirigidos especialmente os esforços dos Mestres, não pode ser senão o resultado natural e inevitável de uma melhor compreensão do que realmente é nossa Ordem, bem como de sua unidade indivisível; o resultado do esforço de todos aqueles que de boa vontade propõem e fazem o melhor que podem, o trabalho maçônico. Fazendo, cada um na Loja e Organização Maçônica a que pertence, um Trabalho inspirado por sua mais alta compreensão dos Objetivos, Ideais e Propósitos da Instituição, a Maçonaria progredirá efetivamente acima de suas atuais divisões externas - inevitável até que a Maçonaria permaneça principalmente externamente polarizado. Compreendendo cada Maçom igualmente o esforço dos demais para a realização do mesmo desígnio, cessarão todos os motivos de divisão, bem como todas as distinções arbitrárias de regularidade e, em espírito de Compreensão, Tolerância e Fraternidade sincera, os três inimigos simbólicos serão derrotado e banido de nossa Instituição.

Trabalhem, então, com esse Amor, com o qual se complementam a Alegria, o Fervor e a Liberdade do Companheiro, e nos façamos dignos de nossa qualidade de Mestres Maçons, recebendo no trabalho o salário que nos compete.



PARTE UM

A EXALTAÇÃO AO MAGISTERIO

Poucas cerimônias podem oferecer, com igual simplicidade, um aspecto tão trágico e um significado tão sublime como este com que o Companheiro é recebido na Câmara dos Mestres.

A sua primeira acolhida é, portanto, totalmente oposta ao que inicialmente esperava, como recompensa pelos seus esforços: é brutalmente introduzido nesta Câmara, acusado de um misterioso crime que acaba de ser cometido, do qual não pode compreender natureza ou razão. Ele é submetido a um severo interrogatório, que

apenas lhe revela as suspeitas que pesam sobre ele, suspeitas que não são totalmente dissipadas pela brancura de suas mãos e de seu avental. Ele é obrigado a passar, como um teste decisivo, sobre o mesmo cadáver, para ter certeza de que seus pés não vacilam no local.

E, finalmente, torna-se o mesmo protagonista da tragédia, sucumbindo sucessivamente sob os golpes dos assassinos simbólicos, ocupando o mesmo lugar no cadáver com o qual deve se identificar, como os antigos iniciados nos Mistérios de Osíris, recebendo a participação a dor de todos os presentes.

Esta morte simbólica ou queda em poder das forças que personificam a causa do mal, é a preliminar necessária para a sucessiva anagogia ou ressurreição que espera o iniciado em sua exaltação, seu perfeito "renascimento" na consciência do Real que é Eterno. Vida, Imortal e Permanente.

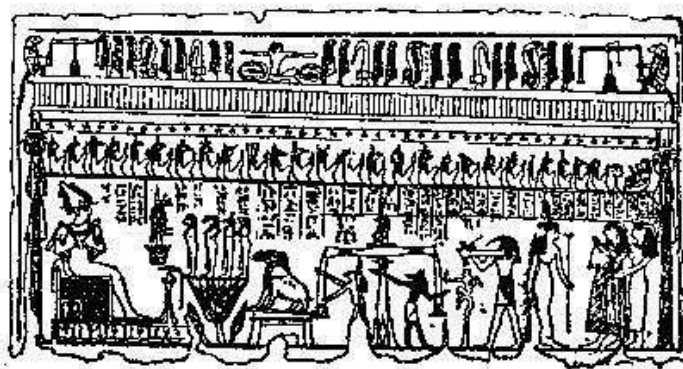
Portanto, a Mestria da Arte Real não é alcançada sem passar pela morte -e por todas as condições e circunstâncias semelhantes da vida- com um pé firme e seguro, que tem o poder de superá-la, como as outras ilusões das quais são escravos. homens. Pois quando cessa o medo das coisas, cessa também nossa crença em seu poder e, conseqüentemente, em seu próprio poder sobre nós e sobre nossa existência. Então deixamos de ser escravos deles.

Examinemos agora as diferentes fases preliminares desta regeneração ou renascimento individual, tal como nos são apresentadas nesta cerimônia, aquelas que têm o poder de nos conduzir eficazmente ao Magistério, desde que saibamos realizá-las, como complemento à aqueles que aprendemos nos graus anteriores.

A ACUSAÇÃO

A acusação que leva o camarada ao limiar da Terceira Câmara - acusação que se refere a um crime ainda desconhecido para ele - é o primeiro elemento que se coloca à nossa consideração.

Os outros Mestres o recebem primeiro como juizes inexoráveis de sua conduta e de suas intenções: um julgamento semelhante ao de Anúbis, naquele Ritual Iniciático Egípcio chamado "Livro dos Mortos". As suas boas e más acções passadas e as suas condutas e intenções presentes devem ser pesadas com toda a equidade e justiça, pois com estas trata-se de amortecê-las, para preparar-se dignamente para o futuro que o espera.



Sua consciência, o avental cuja brancura se examina primeiro, antes de admiti-lo, deve estar limpa e imaculada (todos devem estar convencidos disso) e suas mãos, símbolos do pensamento e da vontade que concorrem na ação, devem ser igualmente puras e limpas, de modo que se tornem instrumentos de um Poder transcendente que os tornará superiores aos demais aprendizes e companheiros.

A ignorância, o fanatismo e a ambição devem deixar de obscurecer a clareza de sua manifestação externa -a pele de cordeiro, emblema da inocência que serve de avental-, assim como sua mente e seus desejos: todos os três devem ter sido purificados, no trabalho constante do dois graus anteriores, como uma preliminar necessária para a admissão a um estado superior de realização.

Obtida essa dupla assertiva, é-lhe concedido o ingresso na Câmara dos Mestres, por meio da senha que ainda não conhece, pois ainda não alcançou o Magistério da Arte da Sublimação de Metais, a que se refere. ele não passou por aquela morte simbólica, que também a indica.

A RETROGRADAÇÃO

Porém, como agora deve completar a retrogradação que caracterizou sua quinta jornada como Companheiro, para atingir novamente o limiar de sua recepção como Aprendiz, esta palavra, que representa um novo retrocesso, do segundo para o primeiro grau, é-lhe pedido, depois de o ter despojado do avental, que lhe foi dado no final das três primeiras viagens da sua iniciação.

Com efeito, na sua quinta viagem, contemplando a Estrela Flamejante que brilha no Ocidente - semelhante à rosácea encontrada nas catedrais, que ilumina os raios do sol quando se põe - o Companheiro inverte o percurso da Quarta Viagem, naquele o esquadrão de julgamento havia se juntado à retidão de suas aspirações.

Agora ele deve realizar, igualmente ao contrário, as três primeiras jornadas simbólicas das provas do Fogo, da Água e do Ar, após as quais lhe foi permitido ver a luz da Verdade, que só brilha no Caminho da Virtude. Prosseguindo novamente, do reconhecimento do Primeiro à prática do Segundo - movimento dos pés esquerdo e direito, - ele ainda fixa seu olhar na Estrela que reflete a mesma Verdade em sua inteligência e seu coração guiado pelo ponto do espada (emblema da Silenciosa Voz da Consciência) atravessa o Portão do Templo com movimento retrógrado, ou seja, o inverso de como o fazia como aprendiz.

As palavras sérias que saem da escuridão em que ainda se encontra, para lhe perguntar se realmente é inocente do crime que acaba de ser cometido, reproduzem de forma nova o simbolismo do cálice da amargura que, tal como antes, teve que preceder viagens ou estados de progresso, agora segue a retrogradação que os representa. Esta amargura não poderia ser melhor representada pelo clima de “luto e consternação” que reina na Terceira Sala, que, no entanto, é sobretudo uma reprodução emblemática da Sala de Reflexão.

Convidado a sentar-se novamente, o símbolo da morte volta a ficar claro diante dos seus olhos, enquanto o interrogatório a que é submetido recorda o seu primeiro testamento iniciático, e também o interrogatório complementar que é feito ao destinatário, antes de o levar a fazer as viagens.

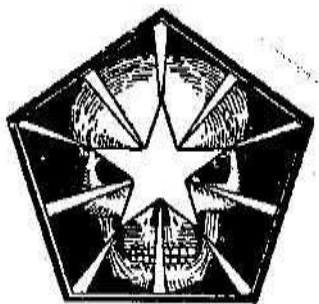
A CÂMARA DO MEIO

Como o sol se escondeu na região escura do Ocidente e também desapareceu a estrela vespertina que iluminava sua retrogradação, na noite que agora o envolve, o olhar do candidato deve voltar-se novamente para o leste em busca de um sinal precursor. da Nova Luz do Dia.

Aqui a única luz é a projetada por uma caveira -imagem das sombras do além-túmulo- que se dirige ao corpo macabro do crime, que ocupa o lugar do Ara.

Esta é a câmara do meio, o Centro Oculto da Vida, escondido nas sombras da matéria, que só pode ser alcançado passando pela morte, ou seja, enfrentando sem medo os fantasmas do além.

Esta câmara é uma reprodução ampliada, mais trágica e sombria, da mesma sala de reflexão, a câmara íntima da consciência, o lugar secreto do coração, em que foi deixada em completa solidão, antes de admiti-la às sucessivas provas de iniciação. . Aqui ele também é apresentado com o símbolo da morte, entre os dois Princípios da Vida: Enxofre e Sal, refigurado pelas duas colunas que estão em seus dois lados, para que ele possa fazer seu próprio mercúrio filosófico individual.



A luz que ilumina a Câmara do Meio

Mais uma vez ele se encontra em uma caverna escura - a toca de Mitra - e tem que visitar o interior da terra, ou seja, penetrar na aparência externa das coisas. e de si mesmo, reconhecendo a Vida Eterna e Imortal do Ser Individual, na aparente morte de sua personalidade.

Mas desta vez ele tem que penetrar mais fundo, mais íntima e profundamente, no lugar secreto onde se esconde a Verdadeira Realidade do universo e de seu próprio ser: ele tem que encontrar o Sol da Vida no meio da noite das Trevas. e da Morte. Aqui você deve exercitar seu sexto sentido - discernimento - que constitui a Luz Interior de seu ser: aquela luz que só pode vir do centro de seu próprio crânio, onde esta qualidade tem sua sede, a única que pode guiá-lo na escuridão dos sentidos, projetando a sua luz por entre as sombras da matéria, na máscara da Vida, representada pelo cadáver com que se depara.

O MISTÉRIO DA VIDA E DA MORTE

Por isso, as questões que lhe são colocadas estão em sintonia com o Mistério em cujo seio se encontra, referindo-se aos problemas que dizem respeito à vida e à morte.

O símbolo deste terceiro grau é, portanto, em sua essência, a mesma alegoria dos Mistérios Maiores da antiguidade, que se seguiram aos Mistérios Menores, representados pelos dois primeiros graus maçônicos. protagonista de um drama que termina com a sua morte simbólica, a que se segue uma igualmente emblemática ressurreição ou "ressurreição", que acarreta a sua exaltação.

Antes do drama, é portanto oportuno que o candidato expresse as suas próprias ideias sobre a vida e a morte que o levem a reconhecer a diferença entre personalidade e individualidade, e como a morte da primeira conduz à exaltação da segunda. Em conexão com este problema fundamental, você será questionado sobre outras questões práticas sobre o direito de matar e a verdadeira natureza da solidariedade maçônica, que decorre do reconhecimento de que tal direito nunca pode ser totalmente justificado.

O que é a vida? O que é a morte?

Só o Iniciado na Realidade, só quem sabe penetrá-la com a Luz Interior e com o olho do discernimento, pode responder satisfatoriamente por si mesmo a estas duas questões que constituem um mistério profundo, impenetrável e aterrador para o profano, para cuja real compreensão da nada servem aos postulados e dogmas das diferentes escolas científicas, filosóficas e religiosas.

A vida é, então, algo que se manifesta de dentro para fora, e que não pode ser reconhecida em sua essência íntima e profundo Acaso de outra forma, senão passando pela inteligência de fora para dentro, e tornando-nos nós mesmos, assim, patenteiam individualmente a Realidade Invisível que se oculta e se expressa na aparência visível, num trabalho de construção incessante que dá origem a todas as formas e substâncias orgânicas, estudadas pela Biologia.

Quando se sabe o que é a Vida, a Morte é considerada como uma cessação aparente, que é realmente uma mudança em sua manifestação externa, que nunca cessa, que nunca teve um começo e, sendo eterna, é imortal e indestrutível até mesmo na forma ou matéria em qual se manifesta, pois continua a ser veículo e instrumento para novas e infinitas expressões externas da Vida Interior.

Conhecendo esta Verdade e percebendo seu significado mais profundo nas profundezas do coração, a pessoa é libertada para sempre do medo da morte; já que a visão da Vida, como ela realmente é em sua essência, acende uma tocha diante da qual as sombras e os fantasmas do além desaparecem e fogem. É assim que o Iniciado responde à pergunta, Para onde vamos?, que nos é apresentada a todos, indistintamente, pela mística Esfinge de nossa vida exterior, cuja correta resposta individual concretiza o real objeto dos Grandes Mistérios: a Conquista de Imortalidade.

PERSONALIDADE E INDIVIDUALIDADE

Para tanto, é necessário o discernimento entre as duas polaridades do ser humano, que se distinguem pelo nome de Individualidade e Personalidade. "Personalidade" -do latim persona- originalmente significava "máscara", sendo, portanto, a máscara ou aparência que cobre nossa Vida Interior em sua manifestação. É, em outras palavras, nosso ser físico-psíquico que constitui o Homem Mortal e a Mente Objetiva na qual a realidade física nos é manifestada e cristalizam nossas crenças, erros e preconceitos, assim como os veículos ou meios externos que ela utiliza, constituindo seus corpos astral e físico.

Esta parte mais material do nosso ser, esta casca ou invólucro, nasce, morre e regenera-se, reproduzindo-se em formas semelhantes. Essas variações e reproduções constituem o Mistério da Geração com o qual o Companheiro deve enfrentar para saber o significado da letra G, que está na raiz de todas as manifestações da vida.

A "individualidade" é algo muito diferente, porque é o princípio indivisível do nosso ser e da universalidade da vida: é, pois, o que há de Eterno, Permanente e Imortal em nós, o que persiste em todas as mudanças exteriores da personalidade, sem que estes possam afetá-lo. O reconhecimento individual, ou consciência íntima acompanhada de uma certeza absoluta, de sua Realidade, é o que faz o verdadeiro Mestre, na medida em que confere e efetiva a Imortalidade.

Morrer para a ilusão da personalidade e renascer na Luz da Realidade que constitui nossa Vida Individual e nosso ser mais verdadeiro: aqui, em poucas palavras, está a tarefa que realmente cabe ao destinatário, que, na Câmara do Meio de sua própria consciência, está diante do Mistério da Vida e da Morte.

NOSSO DEVER PARA COM A VIDA

O reconhecimento da unidade indivisível da Vida Universal coloca o discernimento individual do Iniciado diante do problema do “direito de matar” e o faz reconhecer a ilusão fundamental de tal direito, que só pode emergir das sombras da Ignorância, do Fanatismo e da Ambição causa de todos os crimes e da mesma morte em seus diferentes aspectos. Na ignorância, então, se resumem todas as ilusões que o Iniciado tem que superar com a Luz da Realidade; no fanatismo todas as paixões que devem ser dominadas e transmutadas; e na ambição todos os egoísmos que devem ser superados com Amor: a primeira vitória refere-se à prova do ar, a segunda à prova da água e a terceira constitui a verdadeira prova do fogo.

Se a Vida é Uma, matando qualquer uma de suas expressões externas, nós nos matamos, sendo todo Caim externamente irmão e internamente idêntico a Abel (1) em cuja pessoa ele poderia ter levantado a mão. Este crime original é, portanto, consequência do pecado original, que é a ilusão, simbolizada pela Ignorância, que atrai o Fanatismo e a Ambição como companheiros naturais. O direito de matar nunca existe para o Iniciado, que deve superar suas causas, vencendo todo erro e preconceito, tornando-se imune a toda paixão ou fanatismo sectário (religioso ou anarquista), e superando toda ambição ou desejo naturalmente egoísta.

Assim, cumpre o seu dever de solidariedade para com todos os seres indistintamente, para com todas as manifestações da vida, e responde satisfatoriamente às três questões do seu testamento de Aprendiz, que constituem o seu Programa Iniciático, pondo em prática o Grande Mandamento:

"Ame o Princípio Universal da Vida com todo o seu coração e ao próximo como a si mesmo."

O PODER DO AMOR

O Poder do Amor é, portanto, a Chave de todos os poderes do Magistério: Amor que se expressa e deve se expressar em uma crescente capacidade de doação. Só "esforçando-se para dar" o que tem, sabe e é, ascenderá os dois degraus que o separam da condição de Companheiro à de Mestre.

Para "dar" é convidado a fazer outras duas viagens que se juntam às cinco do Companheiro para completar o místico número sete, aquelas que terminam perto do Segundo e do Primeiro Vigilante, a quem oferece, respectivamente, as Palavras Aprendiz e Companheiro. Nestas duas viagens são também sintetizados e revistos os testes, esforços e progressos realizados ao longo da sua passagem pelos dois primeiros anos.

Assim começa para ele uma nova etapa evolutiva após o retorno que o havia conduzido mais uma vez, na Sala de Reflexão, diante das emblemáticas aparições da morte, dos Princípios da Vida e de seu próprio testamento iniciático.

A palavra do aprendiz que o Segundo Guardião lhe pede é a nova fé que renasce em seu coração, depois de ter enfrentado o Grande Mistério, à luz de seu discernimento individual. A palavra do companheiro que o Primeiro exige de você é também a manifestação da esperança, que é como a Estrela da Manhã que ilumina o seu caminho, permitindo que você progrida.

Ele está assim em condições de realizar uma terceira viagem misteriosa, que o fará "passar por cima da morte" e o levará a viver realmente, em vez de ser uma mera testemunha, como

protagonista, o drama simbólico, que constitui o tema central do Terceiro Grau. Mas antes lhe perguntam se está disposto a passar pelo "tártaro negro" dos mistérios do além para poder desfrutar da "Paz do Olimpo" que nada terá o poder de perturbar, demonstrando assim aos presentes, com a calma e serena segurança da sua marcha, de que está imune a toda a cumplicidade no crime que lhe foi imputado, ao ingressar na Terceira Câmara, por ter "regressado", em virtude do seu discernimento espiritual, ao primitivo estado edênico de inocência (2), livrando-se do Pecado Original da Ilusão.

A "MARCHA MISTERIOSA" DOS MESTRES

A terceira jornada, de oeste para leste, deve ser completada, então, por um novo e mais reto caminho desconhecido nos dois primeiros graus, isto é, por meio da marcha misteriosa dos Mestres, que faz entrar em sua qualidade. sobre a sepultura com que tinha confrontado e permanecendo a Este, em frente ao Ara, depois de duas etapas que o conduziram a Sul e a Norte.

Esta passagem por um caminho estritamente proibido aos Aprendizes e Companheiros, porque representa o Sancta Sanctorum, ou melhor, o verdadeiro Templo, imagem do Templo Salomónico, à frente do qual estão as duas Colunas (dentro do Templo Alegórico do Universo e do O homem, indicado pela Loja em ambos os graus), é em si emblemático. Assim, com esta entrada, materializa-se a passagem pela câmara intermediária, que se encontra igualmente no Universo e no homem e simboliza o tabernáculo íntimo da consciência, no qual se realiza a unidade de um com o outro. Assim como ocorre com os dois estados de consciência positivo e negativo, prazer e dor, expansão e contração, produzidos pelos dois Princípios do Bem e do Mal (um dos significados das duas colunas), este lugar central é pavimentado com preto e quadrados brancos, dispostos alternadamente, como num tabuleiro de xadrez, representando a unidade e a continuidade dos opostos. Como no tabuleiro de xadrez, aqui se jogam todos os grandes jogos da vida, e as vitórias sorriem mais facilmente a quem sabe manter-se mais desapaixonado e sereno.

Para chegar ao Magistério é preciso saber passar e permanecer, com pés igualmente firmes, sem vacilar ou se impressionar, por esses dois estados opostos de consciência, até se tornar o soberano e dono absoluto deles. Devemos superar completamente essas duas condições contrárias de nosso ser interior, resistindo e superando os impulsos que nos tornam vítimas passivas de uma ou de outra.

Em outras palavras, o conhecimento do bem e do mal, que se efetua por meio do Poder Enganador da Ilusão (simbolizado pela serpente bíblica que leva o homem ao pecado, vítima e consequência dessa mesma ilusão enquanto o homem permanecer nas trevas) . fora de tal conhecimento) tem que ser feito de uma maneira diferente para o Iniciado que aspira ao Magistério (que é o domínio completo da Natureza Interior e Exterior), entrando no centro do referido Poder de Ilusão e derrotando-o e superando-o com o discernimento da Única Realidade.

Assim reconhecemos que existe apenas uma Realidade, e que esta é o Bem; enquanto tudo o que é chamado de mal é produto e consequência da mesma ilusão. A consciência do mal é assim derrotada e banida para sempre, e com ela seu poder sobre o homem, sua raiz interior, dentro de seu ser, que é a causa da manifestação física. Assim, o coração é purificado do pecado original, e restituído intelectualmente, pelo seu conhecimento da Verdade, ao estado primitivo de inocência (e de toda a cumplicidade nos crimes causados pela Ignorância, Fanatismo e

Ambição, aquelas que têm sua origem neste pecado), podem dignamente aspirar ao Magistério.

Este reconhecimento é feito em três etapas distintas, que repetem as três viagens do Aprendiz e as três provas simbólicas do Ar, da Água e do Fogo. **Na primeira etapa, há que superar a Ignorância, partindo do Oeste -a região da aparência, dominada pelo dualismo representado pelas duas colunas, simbólicas dos dois princípios opostos e complementares- e parando no Sul, isto é, em um estado de consciência esclarecido pela Luz da Verdade.**

Na segunda, dominará o fanatismo, uma paixão que faz do homem um escravo mais ou menos inconsciente de sua própria emotividade. Es, pues, necesario partir aquí de la cálida región del Sur, dominada todavía por las pasiones, y pararse ante el juicio severo de la mente, que se encuentra al Oriente, del lado Norte, que caracteriza este dominio que uno adquiere y realiza sobre si mesmo.

Finalmente, a terceira etapa -começando pelo Norte e terminando no Leste, no final do quadrilátero de quadrados pretos e brancos- mostra a purificação completa de todo egoísmo ou ambição, e da mesma frieza implícita no domínio alcançado sobre o paixões, atingindo a Consciência plena da Unidade do Ser, que reside no Oriente, origem da Vida e fonte primeira e eterna de suas diversas manifestações.

Microcosmicamente, a marcha se realiza, em sentido análogo, desde a cabeça do cadáver simbólico (vitória sobre a Ignorância, com o conhecimento da Realidade) até o peito e braço direito (controle do Fanatismo e dos impulsos que vêm do coração). , e daí, passando pela barriga, passar pela lateral da perna esquerda (domínio dos instintos e Ambição que busca sua satisfação).

Seus pés juntos, formando um quadrado oblíquo, estão agora diante dos pés do morto, indicando que, identificando-se com ele, está destinado a ocupar seu lugar, para poder renascer nele para uma nova vida, alcançando, por meio de sua ressurreição espiritual, esse grau de perfeição maior que resulta desse processo de palingênese ou regeneração.

AS SETE OBRIGAÇÕES

Mas antes que isso possa ser verificado, você deve selar o destinatário, com o. dois joelhos juntos diante do Ara, como símbolo de extrema humilhação que o predispõe à exaltação suprema, com um novo juramento, seus novos propósitos e disposições altruístas.

A primeira das obrigações que o futuro Mestre deve reconhecer, para ser digno deste título, é a do sigilo sobre a simbologia do grau, com respeito a todos os leigos e também a todo Maçom que não tenha obtido legalmente aquele grau em uma Loja de Mestres.

A segunda é obedecer às "leis e regras da Ordem". Com estas Leis e Regulamentos deve-se entender principalmente aquelas que não estão escritas, formando o Corpus tradicional da Instituição, da qual todo Mestre Maçom tem o dever de tornar-se fiel intérprete e depositário, tendo inicialmente considerado como secundário em importância o pedido adicional de obediência aos Estatutos e Regulamentos individuais. A terceira refere-se ao dever de discricção, que o Mestre Maçom deve praticar com Amor e Benevolência, evitando denunciar qualquer coisa que possa comprometer, trair ou prejudicar um irmão, "guardando os segredos dos irmãos como se fossem seus".

As duas obrigações que seguem referem-se à fraternidade, que é o primeiro dever de todos os Mestres Maçons, tanto em seus aspectos negativos quanto positivos. não deve falar